

Cidadania e expectativas no bairro da Figueira: o surgimento do *Figueirense Foot-Ball Club* (Florianópolis/SC, 1921-1951)¹

*Paulino de Jesus Francisco Cardoso*²
*Karla Leandro Rascke*³

Resumo: A partir de uma discussão envolvendo raça, nação e futebol, propomos neste artigo evidenciar a formação de um clube esportivo em Florianópolis, Santa Catarina, consolidado em 1921, compondo sua base de formação um grupo de homens do mar e outros profissionais de origem pobre num bairro caracterizado como território negro de Florianópolis até a década de 1940. Neste sentido, almejamos apresentar a constituição deste clube, a atuação de jogadores de origem africana, a visibilidade positivada para uma região malvista e a consolidação de uma agremiação esportiva.

Palavras-chave: História; raça; futebol; território negro; Figueirense.

Abstract: From a discussion involving race, nation and football, we propose in this article show the formation of a sports club in Florianópolis, Santa Catarina, consolidated in 1921, making his basic training a group of seamen and other poor backgrounds professionals in neighborhood characterized as black territory of Florianópolis until the decade of 1940. In this regard, we aim to present the constitution of this club, the performance of african players, positively valued the visibility for an unpopular area and the consolidation of a college sports.

Key words: History; race; football; black territory; Figueirense.

Citizenship and expectations in the neighborhood Figueira: the emergence of Figueirense Foot -Ball Club (Florianópolis/SC, 1921-1951)

¹ Este trabalho é uma versão revisada, ampliada e com novas abordagens acerca da trajetória de construção do Figueirense Futebol Clube, sendo que uma primeira expressão narrativa sobre o clube foi publicada em forma de capítulo de livro impresso para coletânea a respeito da história do futebol em Santa Catarina: CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco; RASCHE, Karla Leandro. Figueirense: o bairro da Figueira e o surgimento de um clube. In: VAZ, Alexandre Fernandez; DALLABRIDA, Norberto (Orgs.). **O futebol em Santa Catarina: histórias de clubes (1910-2014)**. Florianópolis: Insular, 2014. Agradecemos a todos e todas que contribuíram para o andamento deste trabalho e, em especial, ao apoio do bibliotecário Rafael Luiz Ferreira, arquivista do Memorial do Figueirense Futebol Clube pelo atendimento e disponibilização das fontes sobre a agremiação e sua torcida. Oportunamente, agradecemos a leitura atenta e os comentários pertinentes do professor e colega de lutas, Willian Robson Soares Lucindo, doutorando em História da UNICAMP.

² Professor do Departamento de História da UDESC, coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UDESC e presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN). Contato: paulino.cardoso@gmail.com

³ Doutoranda em História Social pela PUC-SP, bolsista do CNPQ, pesquisadora associada ao CECAFRO da PUC-SP e ao NEAB-UDESC, professora tutora EaD CEAD-UDESC. Contato: karlaleando@gmail.com

Em ritmo de introdução... futebol e história

O futebol, permeado pela ideia de um clube, um time, uma torcida e muitas emoções, permite pensarmos territórios, sociedades e práticas culturais. Esporte mobilizador de grande expressão popular, o futebol e sua história possibilitam conhecermos e compreendermos desejos, anseios e expectativas do passado e do presente. A paixão pelo futebol, as inquietações constantes quanto à história do esporte em nosso país e as muitas lacunas que necessitam ser pauta de estudo trazem para o debate o surgimento de um clube futebolístico na capital de Santa Catarina, Florianópolis, em 1921. Procuramos apresentar uma narrativa de Florianópolis pautada na perspectiva de histórias silenciadas, e que por isso, devem ser escovadas a contrapelo.

Nossa proposta é colaborar para que a história do Figueirense, articulada com uma memória do bairro da Figueira, antigo território negro da capital, permita conhecer as raízes negras, populares e operárias do clube. O recorte temporal escolhido como tópico-guia para este artigo envolve o surgimento oficial do clube em 1921 e as três primeiras décadas da trajetória da agremiação (até 1951), apontando para o Bairro da Figueira e sua população, a organização do Figueirense e a constituição de uma torcida alvinegra⁴.

O presente trabalho baseia-se em documentação coletada em Jornais da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (Acervo de Obras Raras), Acervo Fotográfico da Casa da Memória de Florianópolis e também em fotografias e documentos diversos presentes no Memorial do Figueirense e Arquivo do Figueirense. A imprensa e os materiais selecionados para compor qualquer acervo, em especial o que enfoque a memória de um clube precisam ser analisados com cuidado e criticidade pelo historiador (CRUZ; PEIXOTO, 2007). Assim sendo, estes documentos são analisados em sua forma, construção de narrativa e objetivos, percebendo que sua produção possui intenções, mas ao mesmo tempo permite apreendermos traços de uma época, de um modo de pensar o futebol, de quais personagens construíram suas vidas entrelaçadas ao esporte.

⁴ Assim nomeada, pois enfatiza as cores do clube: preto e branco.

Entrelaçamentos: Futebol, Raça e Nação

Pesquisas que pautam o tema da nacionalidade, embebida no diálogo com as questões e as tensões raciais do início do século XX apresentam-se de forma ampla aos pesquisadores e às pesquisadoras e estudiosos atuais⁵. No entanto, discussões objetivando a intersecção raça, nação e futebol, ainda demandam reflexões mais aprofundadas, atentando para o fato de que poucos trabalhos discutem o futebol sob esta perspectiva, principalmente quando de seu surgimento e popularização.

O Brasil dos anos de 1930 e 1940, em especial, fundamentava suas bases em alicerces culturais de matrizes africanas, disfarçados pela ideia de mestiçagem e democracia racial, consolidando assim uma noção de nacionalidade brasileira calcada no samba e também no futebol. Os estádios de futebol criados no período funcionavam como espaços para diversão e esporte⁶, mas também discussão política e pronunciamentos oficiais, como aconteceu com o São Januário, o Pacaembu e mais tarde o Maracanã.

A década de 1930 constitui ponto chave para pensarmos o processo de profissionalização do futebol, a presença de jogadores negros nos quadros dos clubes e a difusão do esporte por meio da rádio. Neste período, o Governo de Getúlio criou o Programa de Reconstrução Nacional que pautava, dentre outras coisas, a regulamentação das Leis Trabalhistas. “Estava dado o pontapé inicial para a posterior regulamentação do futebolista em 1933” (CALDAS, 1994, p. 45). Para o momento, a profissionalização simbolizava possibilidade de democratização, abrindo “espaço para que uma camada social mais baixa [e de origem africana] nutrisse pretensões de ascensão, desmantelando a estrutura hierarquizada vigente no esporte” (GORDON JR., 1995, p. 86).

As primeiras décadas do futebol no Brasil suscitam pensarmos numa “origem” aristocrática que rapidamente se popularizou e atingiu diferentes cantos deste país. Em menos de duas décadas, diferentes clubes em regiões diversas despontaram como organização esportiva voltada ao jogo da “pelota”. Fato intrigante nesta primeira fase, mesmo com a popularização, é que muitos jogadores negros foram impedidos de atuar nos clubes, principalmente, nos ditos de elite.

⁵ Verificar as inúmeras bibliografias disponíveis ao final deste artigo.

⁶ A educação física, um corpo saudável e uma nação saudável pautaram as preocupações da época (FRANZINI, 2014).

“A bem da verdade, até meados da década de 20, eram raros os jogadores negros⁷, mesmo nos clubes menos ‘grãfinos’ (os clubes do subúrbio)” (GORDON JR., 1995, p. 80). Alguns trabalhos (GORDON JR., 1995; FRANZINI, 2014; NEGREIROS, 2003) evidenciam esta questão em âmbito nacional, pautando especialmente casos de times do Rio de Janeiro e de São Paulo, clubes localizados em áreas de maior visibilidade nacional⁸. Caldas (1994, p. 44) destaca que o Bangu, por exemplo, ao contrário de outros times da elite carioca, era o único que aceitava jogadores negros em seus quadros.

Interessante a proposta de trabalho que ensejamos neste artigo, pois o *Figueirense Foot-ball Club* surgiu num bairro popular de Florianópolis, território negro da região central da cidade e em seus quadros a presença de homens de origem africana fez-se presente desde o seu surgimento. Torna-se pertinente pensar na constituição desta agremiação, em 1921, dissonante de muitas das “grandes” associações futebolísticas de então. Afinal, o Sul sempre tão visado pela sua imigração europeia no final do século XIX, demanda refletir sobre sua presença de ascendência africana e o significado positivo da fundação deste clube em Florianópolis para o bairro da Figueira.

Como diria Petrônio Domingues, em “Um desejo infinito de vencer”, faz-se “mister reconhecer que os afro-catarinenses, malgrado viverem em condições sociais subalternas, foram capazes de influenciar a ‘roda da fortuna’, criar (e recriar) um mundo para si” (DOMINGUES, 2011, p. 132), e nisto, podemos incluir as lutas diárias por dignidade e uma vida melhor, além da constituição de espaços organizativos capazes de atender a demanda desta população que nem sempre foi autorizada a participar de espaços ditos “para todos”, visto que impediam a entrada daqueles e daquelas que lembravam a escravidão, pois carregavam em seu corpo, sua pele, as marcas do passado escravista.

⁷ Segundo Gordon Jr., a ausência de jogadores negros nos clubes não era casual: “havia mesmo, até 1918, uma imposição formal da Federação Brasileira de Sports (à época, o órgão regulamentador em nível nacional) contra a participação de negros nas equipes esportivas” (1995, p. 80).

⁸ Oportunamente, destacamos a necessidade de novos e amplos estudos sobre os diferentes clubes existentes no Brasil, no intuito de melhor conhecer e compreender os mecanismos utilizados por estes espaços de organização e sociabilidade para sua manutenção, visibilidade e expectativas. Pouco sabemos sobre clubes operários para além daqueles fundados em São Paulo, ou então clubes organizados por homens de origem africana, por exemplo; sem contar o pouco conhecimento acerca dos primeiros clubes futebolísticos de mulheres. Para além de vislumbrar apenas a prática do esporte, faz-se necessário evidenciar os arranjos políticos, sociais e culturais que envolveram a criação de diferentes agremiações esportivas e suas formas de manutenção.

“Aquele bairro à beira-mar”: Figueira

Na borda oeste da cidade, situava-se o bairro da Figueira⁹, com seus trapiches, estaleiros, armazéns, casas de negócios, hotéis, padarias, boticas, tratando-se de uma região ativa, zona produtiva e, ao mesmo tempo, espaço que atraiu centenas de miseráveis de todos os matizes em busca de trabalho e moradia. Era uma área ativa e perigosa, “onde nem mesmo as forças de segurança pareciam estar a salvo” (CARDOSO, 2008, p. 69). Tal território constituía um dos maiores bairros com presença de origem africana da cidade, sendo considerado pelas elites dirigentes um “antro de prostituição” muito frequentado por marinheiros, habitado por pessoas extremamente pobres.

O bairro da Figueira, local de marcante presença africana e de seus descendentes extinguiu-se como território negro nos anos de 1940, quando a cidade estava transformada, conformando uma capital que deveria seguir os rumos do progresso, segundo aspirações das elites políticas dirigentes. A região central passara a ser espaço da administração pública, dos comércios estabelecidos, da prestação de serviços (CARDOSO; RASCHE, 2014). As classes populares tiveram que construir suas vidas nas regiões periféricas da cidade, nos contornos dos morros ou em áreas mais afastadas do perímetro central e suas bordas.

Em se tratando de uma região localizada nas proximidades do porto, o bairro da Figueira concentrava uma grande quantidade de trabalhadores do mar que compunham a paisagem daquela área, além de inúmeros homens e mulheres em diferentes afazeres necessários ao cotidiano citadino. Aquela pequena região, com centenas de marinheiros, praças da Marinha de Guerra, estivadores e tantos outros populares, sugeria um cenário espantoso para as elites do período, visto agrupar muitos populares de origem africana (CARDOSO; RASCHE, 2014).

“Soldados, marinheiros, estivadores, criados, policiais, calafates, carpinteiros, vadios de todas as ordens pareciam adorar aquele bairro à beira-mar, que segundo Virgílio Várzea, cheirava a alcatrão” (CARDOSO, 2008, p. 101). Tais personagens constituíam, nos dizeres de Cardoso (2008), grupos sem vínculo com as elites locais, sendo que “soldados de diferentes

⁹ No quadrilátero central da antiga Desterro, atual Florianópolis, localizavam-se os bairros onde moravam as pessoas mais pobres: Figueira, Tronqueira, Pedreira, Beco do Sujo, Toca, Campo do Manejo, e Cidade Nova, parte do mundo habitado por pessoas pobres, trabalhadores, militares, diaristas, lavadeiras.

corpos militares, imperiais marinheiros, homens do mar de todo o tipo, estivadores e outros trabalhadores urbanos viviam a protagonizar inúmeras rusgas nas áreas centrais da cidade” (p. 202), especialmente na região do bairro da Figueira.

Florianópolis era capital administrativa do estado de Santa Catarina, desde os tempos coloniais, possuindo uma população que, segundo o recenseamento realizado em 1920, era de 41.338 mil habitantes, sendo parte central habitada por aproximadamente 19.574 mil habitantes (FELIPPE, 2001, p. 12). Para pensarmos na década de 1940 e o início de 1950, os quantitativos apresentados por Cardoso e Ianni (1960, p. 112), indicam 67.630 como o número de habitantes em Florianópolis em 1950. Nas primeiras décadas do século XX os recenseamentos não destacavam cor/raça em suas pesquisas, mas a pensar pela quantidade de africanos(as) e seus descendentes no século XIX¹⁰, estas primeiras décadas do século XX não indicavam uma condição muito diferente, apesar das muitas expulsões para as regiões mais periféricas, por conta das obras higienizadoras e modernizadoras.

Tratava-se de cena muito comum ver as fontes d’água e os caminhos percorridos até elas, córregos, diversas ruas e suas esquinas marcadas por mulheres e homens marinheiros, quitadeiras, pombeiros, lavadeiras, carroceiros, aguadeiros, carregadores, parecendo “tornar escura a face pública da capital catarinense. Estas ruas, mais do que qualquer outro lugar, deveriam configurar um grande território africano” (CARDOSO, 2008, p. 124-125).

As reformas urbanas da capital, já Florianópolis, ocorreram efetivamente na Primeira República, sendo a nova elite republicana responsável pela remodelação de espaços e práticas urbanas (DALLABRIDA, 2001, p. 59). As antigas elites portuguesas, suplantadas por elites de origem germânica em fins do século XIX e primeiras décadas do XX, iniciaram um novo modo de compreensão da cidade, aplicando um projeto de reordenamento da estrutura urbana, uma tentativa das elites locais de “forjá-la como modelo de uma urbe moderna”, de acordo com os sonhos da República. A “picareta modernizadora” empurrou populares de origem africana, pobres e desvalidos para as periferias da cidade, “especialmente com a abertura da

¹⁰ No século XIX, dados enfatizados por Fernando Henrique Cardoso, em relação aos quantitativos populacionais, explicitam a presença das populações de origem africana, depreendendo-se destes números, por exemplo, que em 1866 a freguesia de Desterro tinha 4.361 brancos, 1.275 pretos e 838 pardos; em 1872, havia 5.884 brancos, 1.910 pretos e 1.296 pardos. Tais números permitem considerar que a população afrodescendente, nos dois períodos, chegava, respectivamente, a 32,64% e 35,27% (CARDOSO, 2000, p. 136).

Avenida Hercílio Luz, que delimitou a segregação espacial e provocou o início da ocupação dos morros adjacentes ao centro urbano” (DALLABRIDA, 2001, p. 61).

Neste sentido, destacamos a conjuntura do bairro da Figueira, suas conexões e práticas numa cidade que se modernizava e ao mesmo tempo delimitava espaços, lugares sociais e comportamentos. Muitas populações de origem africana destas regiões mais pobres, além de seus labores cotidianos, passaram a ver no clube de futebol nascido no bairro da Figueira, uma opção positiva para uma região tão malvista pelas elites dirigentes. Alinhava-se uma identificação com um time que surgira naquela área e fora organizado por homens das fainas do mar, dos trabalhos nas ruas, nas barbearias, dos sonhos em comum. Segundo Cardoso e Ianni (1960, p. 218), em importante pesquisa sobre cor e mobilidade social em Florianópolis na década de 1950, o esporte, em especial o futebol, possibilitava galgar novas posições na sociedade; diferentemente dos clubes de remo, vistos como clubes de elite, de brancos.

Segundo Fábio Fellipe (2001), a localização do bairro da Figueira começava no Mercado Público e se estendia até o trapiche de Carlos Hoepcke. O percurso e as ruas que compreendiam a localização do bairro da Figueira envolviam a atual Rua Francisco Tolentino, altos da Rua Conselheiro Mafra e Felipe Schmidt, compostas pelas ruas paralelas Jerônimo Coelho, Pedro Ivo, Bento Gonçalves, Sete de Setembro e Padre Roma (FELIPPE, 2001, p. 19). Para fins de compreensão e dimensão da região em questão, na sequência apresentamos uma imagem que abrange parte da localidade da Figueira.

A fotografia, datada do começo do século XX, evidencia a região do bairro da Figueira, estando o fotógrafo nos altos da rua Conselheiro Mafra, como ficou denominada a antiga rua do Comércio, depois Altino Correa. Ainda sem o concreto típico da “picareta modernizadora”, a paisagem aponta para uma cidade com construções baixas, algumas em madeira, cercadas por árvores e arbustos. Chama-nos atenção a figura de um senhor (bem ao lado esquerdo inferior da imagem), bem como um menino sentado sobre a cerca e uma jovem moça. Vale destacar que o trio possui traços indicativos de sua origem africana e parece ter posado de modo a constar no registro fotográfico¹¹ junto às paisagens do bairro. O senhor aparece de chapéu e com terno e gravata, indícios do respeito, da postura e também da

¹¹ A “fotografia é uma representação elaborada cultural/estética/tecnicamente” (KOSSOY, 1998, p. 43) e seu processo de registro envolve construção de representação, pois o fotógrafo, ou quem o contratou para o trabalho, possui intenções, subjetividades e objetivos na produção daquele momento capturado pela câmera.

afirmação após a Abolição (RASCKE, 2014). O pequeno menino também usava chapéu, estando ele e a jovem moça recostados sobre o cercamento do terreno.

Figura 1 – Rua Conselheiro Mafra, início do século XX, Florianópolis.



Fonte: Acervo da Casa da Memória de Florianópolis (Pasta Ruas).

A vegetação alta, as casas de madeira e a rua sem calçamento compõem cenário que os ideais urbanistas ao longo das primeiras décadas do século XX puseram abaixo, ou em reforma. A própria população das regiões do centro da capital sentiu os destinos dessas modernizações, tendo, muitas destas pessoas, que deixar este perímetro urbano por conta dos preços dos impostos e das exigências das posturas municipais. Conforme mencionamos anteriormente, esta região passou por inúmeras modificações e suas populações também.

Entre os anos de 1930 e 1940 todas as grandes – no sentido de impactantes – obras remodeladoras, higiênico-sanitaristas, estavam materializadas. Homens e mulheres pobres, afros em sua maioria, sem seus casebres ou cortiços - transformados em “belos” sobrados onde pessoas “civilizadas” e homens de negócio teriam morada –, foram arremessados às periferias, contornos da região considerada então perímetro central. Serviços vistos como desqualificados, de baixa remuneração, mas imprescindíveis aos projetos políticos de modernização, constavam entre as inúmeras atividades, ações e experiências diárias destes sujeitos populares de origem africana.

As alterações de moradia e organização física da cidade não implicaram, no entanto, em melhoria na qualidade de vida de milhares de famílias de origem africana que viviam na capital. População que continuava a ocupar “posição sensivelmente análoga à que desfrutava no passado. Dessa forma, ainda é, como no passado, o principal agente dos serviços braçais e domésticos [...]), permanecendo o trabalhador negro nos setores mal remunerados e de baixo prestígio social” (CARDOSO; IANNI, 1960, p. 112).

No entanto, as populações de origem africana se organizaram, construíram e recriaram mecanismos próprios de “sociabilidade, política, cultura e lazer, a partir de distintas racionalidades, lógicas e possibilidades. Criativos e versáteis, apropriaram-se seletivamente da retórica da cidadania” (DOMINGUES, 2011, p. 131) e consolidaram redes de solidariedade.

O Surgimento do *Figueirense Foot-Ball Club* e a constituição de sua torcida, “os figueirenses”

Traiano Margarida (1889-1946), jornalista, orador, professor, escritor, educador e poeta, idealizador e fundador da Associação dos Homens de Cor¹² (1915) consistia em personalidade envolvida em diferentes associações culturais e cívicas de Florianópolis. Jorge Albino Ramos, barbeiro, possuía um salão na região do bairro da Figueira, área central de Florianópolis. Além de residirem na mesma cidade, o que uniu estas duas pessoas nas primeiras décadas do século XX foi a fundação de uma agremiação esportiva: o *Figueirense Foot-Ball Club*, em 1921.

O futebol iniciou sua trajetória em Santa Catarina na primeira década do século XX, sendo esporte vivenciado no espaço coletivo, envolvendo percepções e preocupações com o corpo, a saúde e um ideal de modernidade (VAZ; BOMBASSARO, 2012). Até a década de 1920, em especial, o referido esporte ainda era utilizado pelas elites como forma de distinção e destaque. “O futebol era coisa para rapazes ricos; conta-se que até mesmo ostentavam gravatas de seda nos seus uniformes, não se combatia debaixo de chuva para que os penteados

¹² “ Na cidade de Florianópolis, capital de Santa Catarina, dois poetas negros, Ildefonso Juvenal, com cerca de 21 anos, e Traiano Margarida, beirando os 26, além do amigo Astrogildo Campos, sentiram a necessidade não só de compartilhar seus sonhos e esperanças, como também de vislumbrar o levantamento social, cultural, intelectual e moral dos homens negros. Decidiram comemorar a data da abolição da escravatura, de forma civilizada e cidadã. Para tanto, fundaram, a Associação dos Homens de Cor e organizaram um grande evento no Teatro Álvaro de Carvalho, reunindo negros e brancos, homens e mulheres, autoridades públicas, representantes da imprensa e de outras associações da sociedade civil de Florianópolis” (DOMINGUES, 2011, p. 119).

gomalinados não se conspurcassem e as camisas não se desbotassem” (GORDON JR, 1995, p. 79).

No caso de clubes criados até a década de 1910, principalmente, os materiais eram importados da Inglaterra, sendo os coletivos frequentados “por pessoas de bom nível cultural e econômico em suas tribunas, com roupas elegantes para torcer por seus filhos e parentes” (REIS; TELLES, 2013, p. 287). As camadas populares, além das dificuldades e dos impedimentos para assistir aos jogos, também estavam impedidas de praticá-lo, caso os homens fossem de origem africana.

Assim como o remo, tal esporte emergiu no âmbito das elites, mas sua incorporação intensa pelas classes populares a partir da década de 1920 demonstra que, diferentemente de uma busca pela saúde e educação do corpo – uma posição mais higienizadora e medicalizada –, vislumbrava-se neste esporte uma possibilidade de ascensão, visibilidade positivada, frutos desta nova fase do futebol brasileiro dos anos 1920.

A popularização do futebol ocorreu nos idos de 1914, em especial quando aconteceu um jogo da seleção brasileira desencadeando o primeiro título internacional, a Copa Roca, que ocorria entre Brasil e Argentina, frequente até 1976¹³. As duas primeiras décadas do século XX pontuaram o nascimento de Ligas de Futebol, surgidas em São Paulo e no Rio de Janeiro, primeiramente, e movimentaram ações e disputas de poder em torno da gestão do futebol por estas diferentes instituições (REIS; TELLES, 2013, p. 290-291).

A década de 1920 indicava mudanças no campo futebolístico, visto que inúmeros clubes passaram a admitir em suas agremiações esportivas jogadores de origem africana¹⁴. No caso do Figueirense, em Santa Catarina, um clube nascido naquela década, a questão racial dava-se aos moldes do que vinha acontecendo em outros clubes brasileiros, ou seja, tornara-se pauta e prática a aceitação de jogadores afrodescendentes entre os atletas. Isso não significava superação do racismo, mas permitia que diferentes homens jovens de origem africana pudessem acessar formalmente este espaço.

O esporte já era conhecido das classes populares que, com uma “bola de meia”, uma “bexiga” ou qualquer objeto construído em forma esférica, conduziam uma partida de futebol

¹³ “Copa Roca – Competição disputada somente entre as Seleções do Brasil e Argentina entre os anos de 1914 e 1976. Em 2011, após acordo entre a CBF e Associação Argentina de Futebol – (AFA) a Copa está sendo disputada sob a roupagem do Superclássico das Américas”. (REIS; TELLES, 2013, p. 290).

¹⁴ Conforme destacamos anteriormente, a partir de 1918 a Federação Brasileira de Sports passou a aceitar inscrição de jogadores negros nos clubes (GORDON JR., 1995, p. 80).

em espaços como pastos, gramados e/ou lugares planos capazes de “fazer a bola rolar” (FELIPPE, 2001). Neste sentido, importa compreender o nascimento do Figueirense Futebol Clube e a constituição de sua torcida.

O futebol já era praticado em Florianópolis nos anos 1920, e no começo da década ocorreu a fundação de um clube ainda presente e muito marcante na história da cidade, o Figueirense. Trajano Margarida, Jorge Albino Ramos, João Savas Siridakis e Domingos Joaquim Veloso, junto a outros amigos idealizaram a fundação de um clube de futebol. Ulisses Carlos Tolentino, envolvido com as expectativas do grupo, cedeu “sua residência que ficava ali próximo da barbearia, exatamente na rua Padre Roma, número 27 para fazer a tão anunciada reunião” (FELIPPE, 2001, p. 20).

A barbearia de Jorge, situada no bairro da Figueira, era ponto de encontro para conversas e aspirações sobre futebol e a criação de um clube, sendo ambiente de organização da reunião a ser celebrada para fundação da agremiação esportiva. Agendou-se então, para 12 de junho de 1921, o encontro decisivo de fundação da agremiação esportiva (CARDOSO; RASCHE, 2014).

Notícias que circularam em Florianópolis naqueles dias, certo tempo após a fundação do clube, indicam que as informações chegaram à imprensa, sendo veiculada a notícia da fundação e a primeira diretoria eleita. Conforme informações do jornal *A República*, temos a seguinte matéria:

Figueirense Foot-Ball Club

Recebemos comunicação de haver sido fundada essa sociedade desportiva, nesta capital, tendo a sua directoria constituída da seguinte forma: Presidente – João Xavier, Vice-Presidente – Heleodoro Ventura, 1º Secretário – Trajano Margarida, 2º Secretário – Balbino Silva, 1º Tesoureiro – Jorge A. Ramos, 2º Tesoureiro – Bruno Ventura, Procuradores – Carlito Honório e Agenor Dutra. Gratos pela comunicação¹⁵ (Arquivo do Figueirense).

A notícia apresentada nas páginas de *A República* informa que o clube havia sido criado e menciona a formação de sua diretoria. A composição do grupo diretor chama atenção, visto envolver homens de diversos ramos, ofícios. Os jornais tiveram grande importância na

¹⁵ Esta passagem consta grafada na camisa oficial do clube lançada em 2013, *Camisa do Figueirense Raízes 2013*, versão *retrô*, em homenagem à fundação da agremiação, com o escudo original alvinegro. Esta menção remete à publicação realizada no jornal *A República* em 10 de julho de 1921, quase 1 mês após a fundação oficial do clube.

propagação/divulgação esportiva, pois detinham meios para atingir diferentes espaços com sua comunicação.

O jornal *O Estado* também noticiou a fundação e a eleição da primeira diretoria, conforme *clipping*¹⁶ existente no acervo do Memorial do Clube, no que tange à fundação.

Figura 2 – Notícia de Fundação do Figueirense no jornal *O Estado*.



Fonte: Arquivo do Figueirense.

Enfim, enredada a proposta de criação, tornava-se fundamental escolher um nome para a agremiação. João Savas Siridakis, mais conhecido como “Janga”, sugeriu o nome do clube,

inspirado certamente na localidade da Figueira [o bairro] e de uma figueira lá existente, não hesitou concebendo o nome de Figueirense Foot-Ball Club. [...] Pois nada mais justo do que homenagear o bairro tão discriminado pelas elites e todos os seus moradores que haviam comparecido naquela oportunidade. (FELIPPE, 2001, p. 21)

O bairro malvisto, desmerecido pelos olhares higienistas, modernizadores e reformadores, possuía uma agremiação esportiva, até então fato comum às realidades das

¹⁶ A produção do clipping em jornais é realizada através de pesquisas envolvendo a seleção e a coleta de reportagens que atendam assuntos ou temáticas escolhidas por determinado acervo ou instituição. Essas reportagens são recortadas e devidamente indexadas de acordo com critérios estabelecidos pela biblioteconomia, em especial no que tange à disponibilização e recuperação da informação, bem como formas de organização e catalogação das informações. “Os recortes são digitalizados, indexados e armazenados em bases de dados, que possibilitam ao usuário compartilhar as informações históricas e possibilitar que os documentos originais perdurem por muitos anos” (SANTOS, 2012, p. 32).

elites de remo e futebol do país, mas ainda pouco comum para as classes populares, pobres e oriundas da escravidão.

Após a fundação do clube, uma das demandas em torno da identificação do time e de sua torcida foi a elaboração de uma canção que pudesse estreitar estes laços e demonstrar o apreço da torcida pelo “mais querido”. Trajano Margarida, secretário da agremiação esportiva, ofereceu ao Figueirense a letra da canção que seria então marca do clube e consolidaria sua identificação com a torcida.

CANÇÃO DO "FIGUEIRENSE"

Escreta e oferecida
por Trajano Margarida*

Nos campos do Sport
Nosso nome é querido
Entre todos é chamado, o forte,
Que a lutar nunca se viu vencido

Não temo, valente,
Com poder na luta vence.
Aos seus pés a glória sente,
O tão glorioso "Figueirense"

Estribilho

Com fortes "times", já luctamos,
E sentimos por isso o ideal praser.
Durante a luta só pensamos
Em folgar, folgar, vencer.

Não há, não há, tão glorioso,
Que se iguale em valor,
ao "Figueirense".
Ninguém como ele é poderoso,
Que a lutar, suplanta, vence.

Nos campos, luctamos.
Com denodo e valor,
Rivaes fortes, sempre encontramos
Os quaes não, nos causam terror.

Aos ve-los, sentimos,
Em nossa alma o praser,
Da victoria a vós ouvimos,
Nos dizer, lutar, vencer.

(volta ao estribrilho)¹⁷.

Interessante refletir acerca desta canção, marcada por expressões e termos que identificam o clube ainda nos dias atuais, como “nosso nome é querido”, “luta, vencer”, símbolos atuais presentes no campo de futebol e entoados pela torcida durante as partidas do clube. O hino do time desde a década de 1970 transformou-se, mas a ideia de um clube querido, lutador e vencedor permaneceu na sua letra.

O distintivo, bordado em preto com as letras entrelaçadas ao fundo branco, símbolo de identificação do clube, tornou-se marca do Figueirense, diferenciando-o entre as demais agremiações. O escudo possuía as iniciais do clube e as cores que permanecem até os dias atuais como referência ao time: o preto e o branco, transformadas em símbolo também da torcida, alvinegra. A seguir apresenta-se uma gravura expositiva do distintivo criado à época e utilizado na camisa dos jogadores.

Figura 3 – Primeiro Escudo do Figueirense.



Fonte: <http://www.mcnishfc.xpg.com.br/destaques/fig7.jpg>.
Acesso em 28 de novembro de 2013.

Os treinamentos, até a década de 1940, ocorriam numa área localizada na esquina entre a avenida Rio Branco e a rua Padre Roma, chamado popularmente de “pasto da vaca” (FELIPPE, 2001, p. 31). A partir de 1945, a antiga sede da Padre Roma foi transferida para o terreno do Estreito, doado pelo senhor Orlando Scarpelli, nome atual do Estádio construído na década de 50 e inaugurado oficialmente em 12 de junho de 1961, quando do aniversário de 40 anos do clube. Fotografia da década de 1950, disponível no arquivo do Memorial do clube,

¹⁷ Fonte: Jornal *República*, 24 de Dezembro de 1921 - Edição nº 947. Material transcrito e disponibilizado em: <http://mantoalvinegro.blogspot.com.br/2008/04/curiosidade.html>. Acesso em 27 de janeiro de 2015. O original do jornal também foi consultado no acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, Setor de Obras Raras.

permite visualizarmos o local de treinamento: a região continental de Florianópolis. Os jogos ainda permaneciam no Estádio Adolfo Konder (região central de Florianópolis, onde atualmente situa-se o Shopping Beira-Mar), até a inauguração do Scarpelli.

Diferentemente do que vemos nos dias atuais, em que os clubes de futebol organizam seus treinamentos em espaços fechados, normalmente em CTs (Centros de Treinamento), naquele período os treinos ocorriam aos olhos de todos. Envolvendo diferentes sujeitos históricos em sua formação e em suas atividades, o clube consolidou um sentimento de grupo na comunidade, criando certo laço de “intimidade”, nos dizeres de Felipe:

Parentes, amigos, vizinhos, passaram a dividir os mesmos espaços, a defender os mesmos interesses, se identificar com as mesmas cores. O clube permitiu para esses homens intensificar suas relações societárias com outros grupos esportivos da cidade e de outros locais (FELIPPE, 2001, p. 43).

Também essa popularidade foi crescendo e as torcidas começaram a criar expectativas em relação aos clubes a que se vinculavam ou demonstravam apreço. O verbo “torcer” significa ‘vibrar, dobrar, encaracolar, entortar’ etc. O substantivo ‘torcedor’ designa, portanto, a condição daquele que, fazendo figa por um time, torce quase todos os membros, na apaixonada esperança de sua vitória” (ROSENFELD, 2013, p. 94). O torcedor de futebol, identificado com a história e as expectativas de um clube, torce por esta instituição, mesmo sem ser membro deste clube.

Nas palavras de Rosenfeld, “para uma imensa torcida, a vitória de seu time, que se transmite para o grupo inteiro, significa um triunfo coletivo, um incremento da honra e do poder e, ao mesmo tempo, uma revelação do curso feliz das coisas” (2013, p. 102). Assim, torcer significa engajamento, expectativas e sonhos com a vitória e o sucesso do clube. Atributo carregado de sentimentos, emoções e sentido.

Na década de 1920, mais especificamente em 1924, foi fundada a *Liga Santa Catharina de Desportos Terrestres*, orquestrada no *Gymnasio Catharinense*, atual Colégio Catarinense, regulamentando o futebol em Santa Catarina. Naquela ocasião participaram os clubes: Atlético Florianópolis, Figueirense, Internato, Trabalhista e Avahy, para registrar a ata de fundação da atual Federação Catarinense de Futebol.

Podemos inferir que, a partir de 1932, quando o Figueirense alcançou seu primeiro título catarinense e, com as vitórias sequenciais do time naquela década, a autoestima do

clube e de seus torcedores atraiu novos adeptos, bem como as expectativas em relação ao futuro. O clube fundado num bairro antes periférico e pobre demonstrava por meio de suas conquistas novas possibilidades. Neste mesmo sentido, todos os envolvidos com a história e a trajetória do time também possuíam motivos para se sentirem vitoriosos, contemplados, reconhecidos – pelo menos no âmbito do futebol.

O percurso inicial do Figueirense foi marcado pela presença das camadas populares, seja em sua fundação, em sua torcida ou em seus atletas. Região afamada por suas faces negativas, a Figueira positivou olhares ao criar um clube de futebol. Bairro menosprezado e sob constantes suspeitas, era espaço de trabalho de prostitutas, marinheiros, estivadores e tantos outros trabalhadores do mar. O *Figueirense Foot-Ball Club* levantou a autoestima do “bairro da Figueira, tão depreciado pelas reformas urbanas e pelos discursos dos higienistas” (FELIPPE, 2001, p. 9). Muitos homens de origem africana defenderam a camisa do clube. O esporte transbordou a presença africana na cidade. Nos dizeres de Maria das Graças Maria, “nas atividades de jogador e árbitro de futebol era comum encontrar-se a presença marcante de afro-brasileiros” (MARIA, 1997, p. 100).

Um exemplo dessa relação concentra-se na trajetória de Osmar de Oliveira (Chocolate), sargento da Polícia Militar, que além de jogador de basquete e voleibol, defendeu o Figueirense no campo de futebol na década de 1930. Também, no mesmo período, uma figura ilustre e conhecida foi José Ribeiro dos Santos, atuante na cidade como árbitro e técnico de futebol, em clubes como Paula Ramos e Figueirense (MARIA, 1997, p. 101). Os jogadores afro-brasileiros, muito atuantes no Figueirense, aparecem registrados nas fotografias do arquivo do Memorial do clube, conforme evidenciamos nas imagens a seguir.

Para além do surgimento num “território negro” da cidade, o *Figueirense Futebol Club* possibilitou expectativas, mobilizou pessoas e sonhos, constituiu uma imagem mais positiva para uma região e para as populações de origem africana e pobres em geral moradores e frequentadores da Figueira. No entanto, em meio às dissonâncias provocadas por diferentes memórias e interpretações, muitas experiências relacionadas a este “território negro” de Florianópolis foram alteradas, invisibilizadas ou esquecidas.

**Figura 4 – Campeonato Estadual 1936 –
Campeão: Figueirense Futebol Clube.¹⁸**



Fonte: Arquivo do Memorial do Figueirense Futebol Clube.

Figura 5 – Amistoso Interestadual.¹⁹



Fonte: Arquivo do Memorial do Figueirense Futebol Clube.

Memórias em disputa...

Em algum momento, a memória do clube passou por reformulações e um novo escudo, pautado na inserção de uma figueira, na cor verde, causando confusão nos torcedores mais recentes e jovens, e mesmo na imagem do clube nacionalmente, a atribuir ao majestoso

¹⁸ A fotografia retrata o clube campeão de 1936, no Campo da Liga, Florianópolis. Escalação – da esquerda para a direita – Em pé: Ivo Montenegro, Armando Santana – de terno, também integrante do time; o então garoto João Polli; ao fundo Décio Moritz (irmão de Calico), Carlos, Haroldo vaz, Chocolate, Antenor rodrigues, Calico, Procópio – atrás dele Paraná (com gorro preto e branco) – e Hercílio Polli (treinador). Sentados: João Berreta, Fred, Pereira e Carioca.

¹⁹ Amistoso Interestadual – Figueirense Futebol Clube 3 x 6 Sport Clube Corinthians Paulista (SP) – 1943. Em pé da esquerda para a direita: Chocolate, Chinês, Pé de Ferro, Jalmo, Brito, Mandico, Calico, Galhardo, Wilson Abraham, Teixeira e Nery. Agachados: Luiz e Corrú (goleiros).

do Estreito a condição de tricolor (branco, negro e o verde). Mais do que a introdução de um ramo verde, trata-se em nosso entendimento, de um sequestro da memória, diriam nossos amigos do Movimento Negro Brasileiro, um branqueamento da história do Clube e um rompimento dos vínculos com as camadas populares, operárias e negras, de onde é originário. A mudança no escudo do Clube, curiosamente, deu-se na década de 1970, recebendo patrocínios e apoio que lhe rendeu o acesso à elite do futebol brasileiro.

Figura 6 – Escudo atual do Figueirense.



Fonte: www.menishfc.xpg.com.br.
Acesso em 26 de janeiro de 2014.

O escudo atual do Figueirense simboliza uma memória pautada na perspectiva de que o clube e suas vivências ocorreram na Praça XV de Novembro, deslocando a memória do antigo bairro da Figueira, local de surgimento do clube e espaço de circulação de seus fundadores, adeptos e também torcedores. Este brasão liga o time não à figueira do bairro, mas à árvore imortalizada pelo Zininho, Claudio Alvim Barbosa (1929-1998), no seu *Rancho de Amor a Ilha*: “Ilha da Velha Figueira em que tardes fagueiras vou ler meu jornal”. Embora deliciosa, tal associação constrói uma ponte para o símbolo das elites da cidade, o Jardim Oliveira Belo, que nos seus primeiros anos era fechado com grades e cercados, impedindo a circulação de pretos e pobres, tidos como mal trajados da cidade.

Intriga a associação a tal memória envolta na Praça, visto que a própria região tinha, até a década de 1960 uma forte demarcação territorial com relação a seus frequentadores. Como bem aponta o estudo de Maria das Graças Maria (1997), o *footing* que ocorria na Praça XV delimitava espaços e corpos a partir de critérios raciais, pois como demonstraram os entrevistados depoentes à autora, alguns passeavam por um lado da calçada, outros deviam aproveitar seu lazer do outro lado, da mesma praça. As marcas da herança escravista

passavam por um lado da praça e da calçada, enquanto as elites figuravam nas calçadas do outro lado...

Figura 7 – Mascote do Figueirense: Figueirinha.



Fonte: esporte.hsw.uol.com.br.
Acesso em 26 de janeiro de 2014.

Figura 8 – Mascote atual do Figueirense: o Furacão.



Fonte: <http://www.meufigueira.com.br/2012/01/novo-mascote-do-figueirense-agora-o-furacao-e-oficial/>. Acesso em 05 de janeiro de 2015.

A mascote²⁰ do Figueirense, desde 2002, é a Figueirinha, criada como símbolo da localidade de criação do Figueirense, à Rua Padre Roma. Além do destaque de retomada a esta memória, a mascote é entusiasmo dos torcedores mirins e também pauta questões ambientais divulgadas pelo clube. No entanto, a partir de 2012, um novo símbolo, o furacão - ligado a memória do clube da década de 1950, quando o time já treinava na região do Estreito -, foi eleito pela torcida. O time começou a ser chamado de Furação do Estreito em um torneio

²⁰ A mascote de um time trata-se de “nome dado a um animal, pessoa ou objeto animado escolhido como representante visual ou identificador de uma marca, uma empresa ou evento. Muitas vezes não é necessariamente o logotipo de uma marca, mas passa a ser conhecida como tal devido ao forte carisma com o público”. (<http://www.figueirense.com.br/institucional/simbolos/>).

em 1951, de onde saiu invicto, tornando-se campeão do Torneio de Paranaguá. Provavelmente, o trecho “Avante Figueirense, pra frente furacão” do hino oficial do clube indique memórias desta gloriosa passagem em terras paranaenses.

A recepção calorosa, registrada imagetivamente, permite vislumbrar os torcedores e uma aproximação interessante entre time e torcida, principalmente quando percebemos os detalhes da fotografia. A torcida, trajada com roupa de gala, em sua grande maioria composta por homens de origem africana, sugere aproximações com a tão pomposa visibilidade positiva utilizada por homens e mulheres afros em seus clubes recreativos e espaços de sociabilidades de começo do século XX, numa tentativa de distanciamento da antiga associação à escravidão. Conforme vemos na fotografia a seguir, o clube, recém campeão, foi recebido com honra e euforia pela torcida que o aguardava no aeroporto.

Figura 9 – Os invictos de Paranaguá.



Fonte: Acervo do Arquivo do Figueirense Futebol Clube.

A figura de um personagem de origem africana em charges ou representando a torcida do clube em jornais e revistas se faz presente. Inquieta este revela/esconde da memória, pois ao mesmo tempo em que se destaca a figura de um menino negro, remetendo à região de fundação do clube, o bairro da Figueira, local de trabalhadores do mar, barbeiros, em especial de origem africana; também salta aos olhos uma memória que se quer distanciada desta

vinculação e, por isso, associada a Figueira à sombra da Praça XV de Novembro²¹, indicativo de um distanciamento por parte dos dirigentes das raízes populares do velho Figueirense. O único time do Brasil que possui uma mascote alusiva de suas raízes negras é o Figueirense, estampando na figura do menino negro a origem do clube.

**Figura 10 – Menino negro
Símbolo da torcida do Figueirense.**



Fonte: <http://www.meufigueira.com.br>
Acesso em 16 de janeiro de 2015.

Figura 11 – Charge “O Clima do Clássico”, 2009.



Fonte: http://blog.colunaextra.com.br/2009_03_01_archive.html
Acesso em 20 de janeiro de 2015.

A memória evidencia que, mesmo em se tratando de uma construção mais recente, o escudo e a mascote Figueirinha, compostos pela presença da Figueira, permanecem atrelados à origem do clube, com realce para as cores preto e branco e a característica popular do time e de sua torcida, a representação entrelaçada à presença africana. Interessante perceber em que medida a memória de um clube, vinculada a um “território negro” da cidade, deixa-se enredar por outros caminhos, distantes daqueles homens trabalhadores do mar e daquelas mulheres a caminhar pelas ruas vendendo seus produtos ou serviços.

Associando espaço, memória e “território negro”, os trechos que enredaram esta narrativa histórica propuseram conhecer este bairro – Figueira – e os processos que culminaram na fundação do *Figueirense Foot-ball Club*, a constituição de sua torcida e de suas memórias.

²¹ A referida praça, símbolo dos *footings*, conforme destacamos a partir da abordagem realizado por Maria das Graças Maria, constituía território das elites, sendo que suas calçadas demarcavam onde andavam/caminhavam os brancos e onde podiam caminhar os pretos, de origem africana. Associar a memória do clube a esta praça simboliza o assalto a uma memória pautado no Bairro da Figueira e, além disso, evoca uma região que, no pós-Abolição, fez questão de definir lugares, posturas e seus transeuntes.

Referências

- CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP**. São Paulo, jun/jul/ago, 1994, n. 22, p. 40-49.
- CARDOSO, Fernando Henrique. **Negros em Florianópolis: Relações sociais e econômicas**. Florianópolis: Insular, 2000.
- _____; IANNI, Octávio. **Côr e Mobilidade Social em Florianópolis: aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil Meridional**. São Paulo: Brasiliense, 1960.
- CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **Negros em Desterro: experiências das populações de origem africana em Florianópolis na segunda metade do século XIX**. Itajaí: Casa Aberta, 2008.
- _____; RASCHE, Karla Leandro. Figueirense: o bairro da Figueira e o surgimento de um clube. In: VAZ, Alexandre Fernandez; DALLABRIDA, Norberto (Orgs.). **O futebol em Santa Catarina: histórias de clubes (1910-2014)**. Florianópolis: Insular, 2014.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.
- DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação Escolar das Elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.
- DOMINGUES, Petrônio. “Um desejo infinito de vencer”: o protagonismo negro no pós-abolição. **Revista Topoi**, vol. 12, n. 23, jul.-dez. 2011, p. 118-139.
- FELIPPE, Fábio. “**No coração da torcida**”: a fundação do figueirense Foot-Ball Club na década de 1920. 2001. 50 f. Trabalho de conclusão de Curso (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina.
- FIGUEIRENSE Foot-ball Club. **A República**, Florianópolis, 10. jul.1921.
- “FIGUEIRENSE” Foot-ball club. **O Estado**, Florianópolis, 11.jul.1921.
- FRANZINI, Fábio. De uma Copa a outra, a época esquecida: futebol, política e sociedade no Brasil, 1940-1945. **Projeto História**, São Paulo, n. 49, p. 93-118, abril 2014. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/19457>. Acesso em 10 de janeiro de 2015.
- GORDON JR., César C. História Social dos Negros no Futebol Brasileiro: primeiro tempo – “Essa maravilhosa obra de arte fruto da mistura”. **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, n.2, p.71-90, 1995. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/biblioteca/recurso/242>. Acesso em 05 de janeiro de 2015.
- _____. “Eu já fui preto e sei o que é isso” - história social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo. **Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro, n.3-4, p.65-78, 1996.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Notas sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra de São Paulo e Rio de Janeiro, 1925-1950. **Revista Afro-Ásia**. n. 29/30, 2003, pp. 247-269.
- MARIA, Maria das Graças. “**Imagens invisíveis de Áfricas presentes**”: experiências das populações negras no cotidiano da cidade de Florianópolis (1930-1940). Dissertação de Mestrado (História) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1997.
- NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. **História: Questões e Debates**, Curitiba, n. 39, p. 121-151, 2003. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/historia/article/viewFile/2727/2264>. Acesso em 05 de janeiro de 2015.

RASCKE, Karla Leandro. Agremiações afrodescendentes em Florianópolis na primeira metade do século XX. **Anais do II Seminário Internacional História do Tempo Presente** (ISSN 2237 4078). Florianópolis: UDESC, 2014, p. 1-16). Disponível em: <http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/tempopresente/paper/viewFile/211/10>

REIS, Rômulo; TELLES, Silvio. Primeiros passos organizacionais no futebol brasileiro (1894-1933): uma análise no campo da gestão esportiva. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**. Vol. 5, nº 9, julho de 2013, p. 281-298.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

SANTOS, Luana C. de Moura dos. **Clipping como fonte histórica no futebol**: o Arquivo Histórico do Figueirense Futebol Clube (FFC). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em biblioteconomia) - Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Florianópolis, 2012.

Recebido em: 20 de dezembro de 2015.

Aprovado: 07 de fevereiro de 2016.